

Reencontro no Além



33 • Reencontro no Além

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/MARIA DOLORES/131

Vagueava no Espaço a pobre mãe suicida.
Apagara, a veneno, a luz da própria vida
Tentando reencontrar o filho que perdera
Em tóxicos letais.
Saudade, ânsia, aflição ...
Não suportara mais.
E espírito da sombra, em lágrimas vagueia,
Entre a cegueira e a dor na angústia que a estonteia.

Dias, semanas, meses na loucura
Atravessara, atribulada e errante,
O império do remorso, ante a sombra gigante,
Sem confiança em Deus, infeliz e insegura,
A bradar o estribilho:
— Ah! meu filho, meu filho! ...
Até que atormentada, louca e cega
Tateando no Além, eis que se apega
A desditoso irmão, também desorientado,
Que lastimava, em choro, os erros do passado ...

Depois de ouvir-lhe os gritos,
O pobre respondeu:

— A senhora clamando é mais feliz do que eu,
Seu coração procura um filho muito amado,
Quanto a mim ... quanto a mim,
Quero esquecer a mãe que tive no passado,
Que me repôs aqui, neste inferno sem fim ...

E o pobre continuou, desalentado:

Sai daqui, um dia, a fim de melhorar-me,
Ela me recolheu nos braços com carinho ...
Vestiu-me e festejou a júbilos e alarme,
O berço em que eu nascia ...
A princípio, embalou-me em canções de alegria,
Entretanto, depois,
Na vida mais profunda entre nós dois,
Segregou-me no mundo, em egoísmo atroz,
Para ela, por fim, na ilusão que levava,
A Terra éramos nós, o amor somente nós ...
Criou-me escravo dela e fez-se minha escrava,
Afastou-me de tudo quanto fosse inquietação
ou prova,
Em que me caberia
Acender, dentro em mim, a luz de vida nova.
Transformou-me a existência em longa fantasia
Para que eu fosse,
Desde o a b c da escola,
Um gênio de artimanhas,

Um moço de aventuras e façanhas,
Mas nunca um aprendiz
Que fosse no futuro um homem reto e feliz.
Quando atingi a plena juventude,
Contratou-me instrutores,
Que me ensinassem força, ação, elegância e beleza,
A fim de que, na forma, eu dominasse
Todos os contendores,
Fortes também por leis da natureza ...
Deveria, por fim, ver todos muito abaixo,
A minha pobre mãe exigia e exigia
Que eu demonstrasse, em tudo, a excelência
de um macho ...
Depois, no entanto, veio a derrocada,
O tóxico apanhou-me a preguiça dourada ...
Minha mãe jamais quis ensinar-me a sofrer,
Não quis que eu trabalhasse ou prezasse
um dever ...
Conheci a maldade e os impulsos medonhos
E a morte prematura, arrasando-me os sonhos ...
De útil ou de bom nada tenho e nem fiz,
Sou agora, onde estou, um espírito infeliz!...

Ao escutar-lhe a voz e ao conhecer-lhe o nome,
Cai a pobre mulher na angústia que a consome;
Chama o desventurado e arrasta-se-lhe aos pés,
Avançando de bruços,
Ei-la a falar, desfeita em terríveis soluções:
— Agora comprehendo ... agora sei quem és ...
E, em desespero, a voz grita, ante o céu sem brilho:
— Perdoa-me, meu Deus! ... Ah! meu filho, meu
filho! ...